CONHECIMENTOS UTEIS.

ESPARCÉTO.

902 O Sr. Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, cujo amor ao bem não pára em méras palavras, não contente de haver na carta que publicámos no nosso n.° 1 d'este volume, ensinado quanto sabia ácerca da cultura preciosissima do esparcéto, enviou para o escriptorio d'esta redacção — rua da Trindade n.° 17 — uma porção de semente do mesmo pasto, para ser repartida por quem a-desejasse.

Mas que tristeza nos não alaga o coração, quando consideramos, que, se não fôra o Sr. Holtreman, nem uma só das uteis informações (e para muita gente facillimas de ministrar) que a bem da agricultura, e dos agricultores portuguezes, instantemente requerêramos, nem uma só, repetimos, se publicaria! Se é verdadeira a maxima, de que, em os cidadãos dizendo — *que me importa? a patria está perdida* — a que estado chegou este Portugal!!! Ás vezes se nos-afigura que estamos dando fomentações a um cadaver!

MARAVILHAS NO MAR.

903 O velho *Neptuno*, o mythologico despota dos mares, tambem tem padecido revoluções nos seus estados como os da terra. Os homens que d'antes apenas se-afoitavam a remar por suas orlas nas bonançosas primaveras, e que ao encetar e rematar suas viagens lhe-offereciam na praia o sangue dos toiros, e nas aguas, para as damas de sua corte, ramalhetes de flores, e generosos vinhos velhos, teem-lhe imposto constituições sobre constituições, zombam de suas barbas honradas, correm em todas as estações pelo meio do oceano attonito, escarnecem de suas tempestades pela sciencia das manobras; de suas calmarias pela obediencia do vapôr: o que *Virgilio* dizia para encarecer a magestade do rei das ondas a qualquer barquinho se-póde hoje applicar,

Atque rotis summas levibus perlabitur undas.

E não são cavallos marinhos os que puxam estas carroças equóreas, é o proprio sobrinho d'esse authocrata de todos os mares, é Vulcano, prezo, e trabalhando ás ordens de dois mortaes enfarruscados. — Só isto? não. — Se a desgraça faz perecer algum baixel, um colete, uma cravata, ou um chapéu de vento, permittem que os náufragos o-insultem impunemente, boiando no pincaro das vagas,

Hi summo in fluctu pendent......

— se algum despreza esta prevenção e vem no rólo ás praias afogado, ahi está a charidade, que ajudada da sciencia lhe-restitue a vida. — Nada mais? mais e muito mais. — Centos de estudantinhos allemães foram ha dois dias dar bailes nas suas planicies liquidas, mascarados em tritões e nereidas, cavalgando airosamente os seus golfinhos. Os Busios vão passear pelos seus valles invisiveis. Um inglez offerece-se a estar-se lá dias e mezes, edificando, ou divertindo-se, com luzes accezas como em sua casa. Outros vão sacar a carga dos navios afundados; outro para destruir esses parceis de madeira, desce a rechealos de polvora, e cá de fóra, e de longe por via de um conductor, ordena á pilha voltaica lhe-arremesse o fogo. — Está tudo? ainda não está tudo. — Em Marselha um homem chamado *Malbeck* construe um navio insubmergivel em que sáe do porto, quando todas as outras embarcações atormentadas do mar e vento, atropelladamente a elle se-recolhem. Muitos portos do Mediterraneo teem visto, quando mais descompostos andam fervendo os mares ermos, esta baleota, creada nos montes, arremessar-se ás vagas com o seu *Jonas* no ventre, e brincar com as procellas, sumir-se, levantar-se, e desapparecer para voltar de novo a rir e caretear contra as carrancas do céu.

Desejaes conhecer este prodigio? — O casco, reméda no feitio a um recurvado e grande peixe, senão que é vestido inteiramente de ferro: para se-lhe entrar no bôjo tem um alçapão, que por dentro se-fecha hermeticamente. Leva um mastro alto e de ferro com sua vella de seda, e de seda toda a enxarcia — tudo para elle é festa porque é immortal. Se vem bonança sáe-se o propheta do ventre para o espinhaço da sua balêa, e a remos ou á vella se-leva segundo lhe-apetece: volve o temporal, torna a sumir-se. Come, bebe, dorme, ou sequer desenfadar-se vai vogando com remos, que menêa por buracos por onde a agua não tem licença para entrar; o ar desce-lhe por um furo, que vae sair ao tope do mastro; se algum pouco de agua penetra por alguma junta, descarta-se d'ella dando á bomba; a sua dispensa são caixas de lata, a sua cama um odre chato de borracha, prenhe de ar.

Se vão por diante (que hão-de ir) as feiticerias da sciencia, não terá o mar outro remedio senão receber de nossas mãos as cadêas com que *Xerxes* em vão pretendêra agrilhoal-o; e virá tempo em que os nossos bailes e *clubs*, as nossas universidades e passeios, as nossas feiras e batalhas, e Deus sabe se até as nossas romarias e fogos de vistas, se-virão a fazer debaixo de agua.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

(Continuado da pag. 14.)

904 A povoação de *Portugal*, no continente do reino, póde-se arbitrar hoje, sem erro, em 3,300,000 almas. A perfeição da instrucção manda, que de cada 5 individuos masculinos e femininos em uma nação, 1 ande na eschóla. Assim succede na *Inglaterra* actualmente. Para este termo se-encaminha tambem rapidamente a *America do Norte*, pois pelo seu recenseamento de 1841, trazia em todas as eschólas primarias, secundarias e superiores, tanto publicas como particulares, e de um sexo como de outro, 2,493,900 discipulos, os quaes repartidos por 17,062,566 habitantes, dão 1 estudante por 6,8 individuos. A *França* andava n'esta parte áquem da sua civilisação; mas a nova dynastia tem zelado a generalisação da Instrucção, principalmente da primaria. Contavam-se já alli em 1840, segundo um relatorio do ministro competente, publicado o anno passado, 2,881,679 creanças nas eschólas primarias; além d'estas, em 1836, eram 12,364 os estudantes das universidades; em 1842, os estudantes dos collegios reaes de *Paris*, 5,474; e em 1835 os seminaristas eram 10,904: sommando todas estas verbas, e arbitrando a quantidade, que me-falta do ensino particular, deve lá haver, pouco mais ou menos, 1 alumno entre 8 a 9 habitantes.

Na *Irlanda*, não obstante as suas muitas afflicções politicas, a educação popular é cuidadosamente seguida. Não anda menos de 1 criança por cada 9 individuos, nas suas eschólas. O paiz de *Vaud* na *Suissa*, ha muito que traz nas suas 1 estudante por cada 6 almas. *Baden* 1 por 7. *Baviera* o mesmo. *Wurtemburgo* e *Hollanda* 1 por 8. A *Belgica, Escocia*, e *Prussia*, 1 por 10. — Podia ajunctar a este catalogo muitas outras nações, mas a sua estadistica é de data antiga, e portanto não nos-deve merecer a mesma fé que as antecedentes. Se o meu intento não fosse apresentar unicamente, o que tenho alcançado de mais moderno; assim como os dados, que reputo mais exactos, podia mencionar a *Hispanha*, por exemplo, com 1 estudante por 350 almas, e a *Russia* egualmente com outro estudante por 794 almas. Mas qualquer d'estes algarismos é muito fallivel. O primeiro data de 1803, ha perto de 40 annos, e desde então não é crivel que a nossa visinha não tenha feito esforços para sair da rudeza

«De uma austera, apagada e vil tristeza.»

Emquanto á *Russia* referimo-nos ao prazo de 1828: sabemos comtudo tão pouco do interior d'aquelle imperio, que não julgo se possa dar credito algum aos publicistas que formam a sua estadistica litteraria. Basta a sua grandeza territorial para elles a não poderem calcular.

Deixando de encorpar, portanto, esta lista com mais nomes e cifras, o que seria facil; — venhamos a *Portugal*, que para elle é que nos-propômos a tractar com a extensão compativel com os limites e indole de um jornal semanal, materia tão transcendente; e vejamos qual é a nossa partilha, em confrontação com as mais nações.

Consultando documentos officiaes — pois me não servirei de outros — temos pelo relatorio do ministro do reino em 1841

Alumnos d'instrucção primaria incluindo 735 da Casa Pia	1839–40	34,869
Dictos d'instrucção secundaria	»	1,872
Acad. de Bellas Artes de Lisboa	»	223
Dicta do Porto	»	105
Conservatorio Real	»	252
Casa Pia	»	29
Aula de Lingua Arabica em Lisbóa	»	2
Dicta do Commercio de Lisboa	»	108
Alumnos d'instrucção superior na Universidade de Coimbra, abattendo os estrangeiros	»	668
Eschóla Polytechnica do Porto	»	81
Dicta Medico-Cirurgica de Lisb.	»	247
Dicta do Porto	»	148
		38,604
Discipulos de eschólas e professores particulares	1841–42	22,016
		60,620

Esta resenha, tanto quanto é possivel, presumo eu ser exacta, inclinando-me a crer que, se ha erro n'ella, é mais por excesso do que por míngoa; e que não existem tantos escholares: admittindo porém a sua existencia por inteiro em todas as suas diversas secções, sem nenhuma subtracção para nenhuma d'ellas, teremos, dividindo a nossa povoação supposta de 3,300,000 por 60,620 — 1 estudante por 54 almas. Isto quer dizer, que continuando conforme o ultimo recenseamento de 1838, cada fogo ou familia, a compôr-se de 3,89 individuos, de cada 14 familias, menos uma fracção, só haverá uma que tenha um individuo educado; e as outras 13 por conseguinte não se-poderão dedicar senão ás mais humildes occupações do tracto domestico, ou trabalho braçal; ficando as mulheres condemnadas a fazerem as vezes de animaes de carga, como se-está vendo por essas estradas de provincia, e os homens a cavarem com uma enxada.

Poderá alguem cuidar que ha aqui exaggeração da minha parte, porque passando os estudantes de uns annos para os outros, isto é, assim como andam 60,620 n'este anno nos estudos; andando tambem outros 60,620 no seguinte, e assim por diante, lá virá tempo em que a final, sendo a povoação de 3,300,000 almas, toda ella sairá educada. Está muito longe esta de ser a verdade dos factos.

O calculo é algum tanto complicado, porque é preciso confrontar duas séries em relação uma com a outra; mas se se-attender por um instante a que os 60,620 individuos, por serem educados, não se-eximem ás leis da mortalidade, ver-se-ha, que não se-podem conservar constantes, pois quando a nova série chega a educar-se já parte da antecedente é fallecida. A povoação de um paiz tão pouco é estacionaria: tende sempre a augmentar-se, d'onde, ainda que por um portento, os estudantes não fallecessem, quando o seu numero chegasse ao termo (3,300,000) que se-presumia egual á totalidade da povoação, já esta seria maior do que era no primeiro anno em que se-principiou a marcar a série educada. As cifras, espero eu, vão tornar este raciocinio mais claro.

Supponhamos que, termo medio, uma série (60,620) de estudantes fica educada

	Edade	*Instrucção*	
56,885	— 13 annos	Primaria	0.93 = 12,09
2,261	— 16 »	Secund.ª	0.03 = 0,48
1,474	— 20 »	Superior	0.02 = 0,40
60,620	Estudantes		12,97 annos

ou 13 annos, teremos no fim de 54 annos, que tantos são precisos (54×60,620), calculando por décadas para não estender muito a Taboa, e desprezando os ultimos 4 annos que vão de (13+54) 67 a 63 annos, em logar de 3,300,000 estudantes, sómente 239,013.

Demonstração.

	13 annos	23 annos	33 annos	43 annos	53 annos	63 annos
0. década	60,620	53,710	42,269	35,294	27,882	19,238
1.ª »		60,620	53,710	42,269	35,294	27,882
2.ª »			60,620	53,710	42,269	35,294
3.ª »				60,620	53,710	42,269
4.ª »					60,620	53,710
5.ª »						60,620
						239,013

Feito o orçamento dos estudantes que sobrevivem

no fim dos 54 annos, deve-se agora fazer tambem a progressão da povoação. Estimando que esta é hoje como já se-disse 3,300,000, e arbitrando que o seu incremento é na razão de $\frac{3}{4}$ por cento ao anno, teremos, dispondo egualmente por décadas, sua multiplicação na 5.ª década 4,737,575 almas.

0. *década*	1.ª *década*	2.ª *década*
3,300,000	3,547,500	3,813,562
3.ª	4.ª	5.ª
4,099,579	4,407,047	4,737,575

Por este mesmo calculo pois, admittida a possibilidade da permanencia vital dos estudantes, ainda ficariam (3,300,000—4,737,575) 1,437,575 individuos illiteratos. Não se-póde comtudo argumentar com uma tal proposição, se não é para mostrar toda a sua fallacia. Se ainda alguem vacillar nas suas convicções, devo accrescentar — que a *França* em 1835, por isso que só haviam poucos annos que tinha dado serio impulso á sua instrucção primaria, contava 19,391,392 individuos, que se-presumiam analfabétos, ou 58 pessoas em cada 100 que não conheciam as letras do abecedario. Na *Inglaterra* não obstante ter, ha um quarto de seculo, feito muito maiores esforços do que a sua antiga émula, tendo-se, pelo meio do seculo passado, determinado que todos os casamentos fossem assignados pelos conjuges, consultando-se os registos parochiaes, tem-se actualmente achado que mais da ametade das assignaturas foram ainda o anno passado de cruz. E não é de fazer expectação esta deficiencia, porque desde que se-cuidou mais na educação do povo, ainda não ha tempo para todos os educados terem tomado estado. Na mesma *America do Norte* a despeito da sua profusa dotação a favor da Instrucção, e da muita emigração de adultos, que se-devem reputar pela maior parte ensinados, não deixam de apparecer no recenseamento de 1841 tambem 549,693 individuos acima de 20 annos não sabendo ler.

Estes tres exemplos que se-podem accreditar por veridicos, devem emfim convencer-nos de que com toda a probabilidade não existem mais de 239,013 individuos na nossa povoação de 3,300,000 almas, que tenham recebido educação litteraria por mais simples ou subida que a-queiram qualificar. É verdade que o calculo, por onde eu tenho chegado a formar este conceito, a mais ninguem o-tenho visto fazer até agora; comtudo pela utilidade que d'elle se-póde tirar, não posso deixar de o-recommendar a todas as pessoas, que se-interessem na civilisação e adiantamento da nossa terra. *C. A. da Costa.*

(Continuar-se-ha.)

COMO SE HA-DE FAZER UM PREDIO RUSTICO SEM GASTAR.

905 Pela carestia do fabríco se-ficam de pousio muitos e muito bons terrenos, é uma das maiores lastimas para quem viaja por este Portugal.

Um homem tinha de seu um espaçoso oiteiro arripiado de mato, e desejava feitorisal-o; mas quando se-dava a cuidar na despeza caía-lhe o coração aos pés. A necessidade, que tem sido a sugeridora de mais de metade dos bons inventos, lhe-inspirou o seguinte, que transformou todos os seus carçaes e balsas, em palmitos de parras e cachos; e d'aquellas vertentes estereis lhe-fará correr mananciaes de vinho. Dividiu o oiteiro em treze talhões; repartiu doze por doze trabalhadores, que se-obrigaram a desbravar cada um o seu, e cultival-o segundo seu dono determinasse; e já se sabe, á vista dos seus olhos, recebendo cada um em remuneração toda a colheita dos dois primeiros annos em que a-houvesse. A decima terça parte desmoitada e lavrada pelo mesmo dono, ficou para dar todo o seu fructo de galardão ao mais diligente, e bem succedido dos doze competidores. Cumpriu-se de parte a parte escrupulosamente o contracto. A quinta já lá está mui vestida e revestida de esperanças: os colonos pulando de contentes, com o olho na vindima proxima; e o proprietario mais contente ainda por ter feito do nada, e sem nada, um thesoiro para si, um patrimonio para seus herdeiros e um invento de prestimo para todo o mundo; bom para os pobres, bom para os ricos, bonissimo para a sociedade de qualquer estado.

Pensem se poderem n'isto os senhores das terras desaproveitadas, e os municipios que possuirem baldios e maninhos.

ELECTRICIDADE PORTATIL.

906 É hoje para muitos medicos poderosissimo remedio a electricidade: mas nem sempre se-acha modo para a-applicar, e ainda applicando-a, não se atina em gradual-a. A ambas estas faltas veio acudir a machina inventada pelos senhores *Breton*, francezes; os quaes lhe-puzeram o nome de *Appareil Électro-Médical*. Dá choques interruptos ou continuos; fracos, fortes ou fortissimos; inteiramente á vontade, e com graduação determinada. É facillima de transportar; e não custa em París, mais que sós 80 francos, obra de treze mil réis do nosso dinheiro.

MODO DE SE HAVER COM OS TOIROS.

907 É o toiro um nobre e precioso animal. Outros que tractem da-fidalguissima arte de o-atormentar e destruir; nós tractaremos plebéamente da arte de o-aperfeiçoar, ou antes de o-conservar qual o-fez e quer a natureza. Muito se póde escrever ácerca da perfeita creação das manadas taurinas, e muito importára que se fizesse: fôra lucro para a lavoira das terras, para o fabríco dos queijos e manteigas, para a abundancia e barateza das carnes, dos coiros, e de tantos outros generos valiosos. Escrevemos em um jornal apertado, offereceremos pouco, mas substancial.

Os toiros-paes necessitam de exercicio, para conservarem a potencia generativa, e produzirem boa raça. Ás vaccas sim quadra o remanso do curral; mas ao toiro convem que trabalhe e sue; sem isso torna-se obéso, manhoso, e inimigo do homem. Á força e á pancada, não se dóma o toiro: com trabalho leve e brandura, sáe agil, docil, e benigno. Antes dos quatro ou cinco annos, não se-lhe-hão-de lançar cargas ás costas; quando não fica derreado e transmite esse desar aos filhos. Não se-lhes deixe copular mais de uma vez por dia, principalmente antes dos tres annos. Póde começar a gerar entre os quinze e dezoito mezes, segundo se achar medrado. Até os quatro annos é máu comer avêa, salvo se o seu trabalho fôr muito: o melhor mantimento é, no inverno, feno e

raizes; no verão, herva; e em todas as estações, uma mão cheia de sal em jejum serve-lhe de muito; faz-se amigo da gente, anda com as secreções desembaraçadas, e o pêllo lusidío. O que muito importa, é limpal-o com toda a regularidade com a almofaça e brussa, como aos cavallos. Com a comichão, em não andando limpo, faz-se desinquieto e travêsso; e como precisa de se-esfregar, em achando aberta, vai-se rossar por tudo que topa. E tanto a natureza está requerendo isto, que em o toiro vendo vir, seja quem fôr com a brussa na mão, já se-alegra, e recebe-o com boa sombra.

Soubemos que estas regras não andavam em pratica entre os creadores dos nossos toiros: pedimos áquelles de nossos leitores, que tiverem com algum d'elles conhecimento, lh'as-expliquem e recommendem.

DA PHRENOLOGIA.

(Veja-se a Revista Universal n.º 3 pag. 27.)

908 Os orgãos da sensibilidade prolongam-se desde as superficies interior e exterior do corpo para se irem reunir em uma só massa, a que se tem dado o nome d'encephalo.

Que o systema nervoso constitue o complexo dos orgãos exclusivos das nossas sensações, é doutrina que remonta á mais alta antiguidade: e não tardou muito que se não reconhecesse, que elle era o instrumento de todas as operações do nosso espirito, no seo estado actual de união com o corpo a que se acha ligado.

Mais modernamente concordou-se quasi geralmente, que neste complexo de orgãos cumpria distinguir tantos orgãos especiaes, quantas sam as especies de sensações, pensamentos e vontades realmente distinctas entre si.

Anatomicos houve que verificaram, por meio de numerosas delicadas e incontestaveis observações, que o cerebro, isto é: a parte anterior do encephalo encerra em si os orgãos especiaes da intelligencia, entretanto que a parte posterior, o cerebello, se compõe dos orgãos da vontade, isto é: dos movimentos musculares espontaneos, dos desejos, das paixões e dos instinctos.

Daqui passou-se a concluir, que seria possivel marcar no encephalo certas regiões, cada uma das quaes correspondesse a uma determinada ordem de pensamentos, de moções musculares ou de affectos.

Esta idea, que antes não era mais do que uma plausivel conjectura, passou a ser uma verdade d'observação, depois das dissecções anatomicas daquella viscera pelo celebre Dr. Gall.

Como este grande anatomico fora conduzido a emprehender aquelles trabalhos pela correspondencia que notára entre certos talentos e certas conformações do craneo, e elle formasse primeiramente uma especie de classeficação systematica, a que deu o nome de *Cranioscopia,* ainda hoje muita gente confunde esta parte da sciencia com a sciencia mesma, a que Spurzheim deu ulteriormente o nome de *Phrenologia.*

E na verdade o Dr. Gall, desde o primeiro momento considerou as protuberancias do craneo como productos da acção de correspondentes desenvolvimentos parciaes do cerebro; e entendeu que nesta viscera é que devia ir estudar a correspondencia do physico, do moral e do intellectual do homem.

Desta resolução nasceu a gigantesca empreza da anatomia do encephalo que deve tornar immortal o nome do seo autor; porque não só fez conhecer, muito melhor do que o era antes, aquella importante viscera; mas determinou com uma precisão, certamente inferior ás exigencias da sciencia psychologica; mas com um gráo de approximação que só é concedido aos grandes genios, um grande numero de regiões correspondentes a um igual numero de affecções ou de actos do nosso espirito, que promettem levar-nos ao conhecimento das capacidades intellectuaes e artisticas bem como das inclinações e dos habitos moraes dos individuos, cujas propensões ou capacidades importa descubrir ou verificar.

A grande obra de Gall e as que depois delle tem publicado alguns dos seos discipulos, taes como Spurzheim e Dumoutier atestam as fundadas esperanças que a humanidade pode prometter-se do progresso desta importante sciencia, á medida que se multiplicarem, pelo aturado estudo do encephalo, as observações comparadas da sua contextura e dos talentos e affectos dos individuos sobre quem se verificar a autopsia: estudo este que, sendo inseparavel do dos craneos respectivos, tornará cada dia mais uteis á sociedade, nas suas applicações praticas, as coincidencias que se forem observando.

Desvanecidos com a gloria de terem descoberto os orgãos das operações do espirito, figurou-se-lhes que tinham descoberto as faculdades mesmas do espirito e chegou a cegueira da sua presunpção ao ponto de affirmarem, que a sciencia da psychologia nascera com os descobrimentos anatomicos de Gall!

Nem se creia que foram os fanaticos aduladores do grande homem que proferiram semelhante absurdo. Não: foi elle mesmo; foi Spurzheim, foi Broussais: e depois delles todos os adeptos da Escola.

Esta estravagante asserção não pode admittir senão as tres seguintes interpretações, a qual dellas mais insensata:

1.ª Que antes das descubertas anatomicas de Gall não se conheciam nenhuns factos relativos à intelligencia ou a moral do homem.

2.ª Que os factos sim eram conhecidos, mas que se achavam em confuzão e desordem; de modo que à Phrenologia é que se déve o estarem elles hoje definidos e classificados.

3.ª Que os factos sim eram conhecidos e estavam classificados antes da Phrenologia, mas que ella he que veio explica-los.

Quanto à primeira destas asserções é de notar que os Phrenologistas não accrescentaram ainda nem um só facto aos que antes eram conhecidos relativamente á intelligencia, ás propensões e ás paixões dos homens ou aos instinctos dos animaes.

É verdade que estes Anatomicos, obrigados a denotar os orgãos que íam descobrindo, por denominações que exprimissem as especiaes funcções de cada um delles, crearam uma nomenclatura que, designando as diversas regiões do encephalo, indicam ao mesmo tempo as diversas sortes de faculdades espirituaes de que ellas são instrumentos.

Mas como eram mais habeis em manejar o escalpelo do que em analysar as operações do espirito

humano, e nenhum, d'entre os que até agora tem escripto sobre a sciencia, parece ter feito o menor estudo sobre a relação que a linguagem deve ter com as ideas que ella é destinada a exprimir; atropellaram todas as regras da Numenclatura das sciencias e levaram a leviandade ao ponto de nos darem umas duas duzias de palavras barbaras e repugnantes com o genio de todas as linguas ainda as menos cultas, como se fosse uma sublime creação do genio: e é justamente esta monstruosa algaravia que se atrevem a proclamar como a unica que merece o titulo de sciencia psychologica.

N'um seguinte artigo mostraremos a puerilidade de uma semelhante pretenção.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO.

13 *de Outubro de* 1666.

909 Com sós 55 annos de vida ninguem campêa mais vezes na frente do inimigo; ninguem tracta mais importantes e melindrosos negocios do estado; ninguem supporta mais injusta, nem mais dilatada prisão; e ninguem finalmente escreve maior e mais precioso numero de livros, do que *D. Francisco Manuel de Mello.*

Não cabe no curto espaço, que nos-é reservado, commemorar as suas acções de gloria militar; os seus conselhos no gabinete dos principes, e o seu soffrimento n'um prolixo encêrro de nove annos. Sería além d'isso mister escrever mais volumes, do que de sua fecundissima penna sairam, para fazer digna menção de seus dotes como historiador, como moralista, como philosopho e como poeta.

Aproveitaremos com tudo este dia anniversario de seu falecimento para darmos a portuguezes uma amostra, de como lá por terras alheias ainda ás vezes se-avaliam os bons filhos d'esta nossa patria. Talvez nem todos saibam, que o nome de *D. Francisco Manuel* não entra sómente no catalogo dos auctores classicos da lingua portugueza; mas que occupa tambem um distincto logar entre os mais elegantes escriptores da castelhana.

A *historia de los movimientos, separacion, y guerra de Cataluña*, que *D. Francisco Manuel* escreveu, e compreende até a batalha de *Monjuich*, sáe agora novamente á luz em Barcelona, terminada por *D. Jaime Tió*, e faz parte da collecção intitulada — *Tesouro de autores illustres.* — Eis como no *prospecto* fallam os editores da obra e do auctor. — » Publicamos um livro tão bem pensado como bem escripto, e de todos tão apreciado como realmente merece. Dotado de todas as qualidades, de que ha mister um historiador, *Mello* teve de mais a mais a sorte de presencear os feitos, de que foi chronista, e ainda de ter parte n'elles, sem que por isso o-cegasse o favor, que com os grandes póde alcançar, nem o fizesse parcial o affecto com algum. Sagaz em suas observações, buscou a origem d'aquella dissenção em odios e ressentimentos particulares, na má vontade reciproca dos potentados de Hispanha e França validos dos reis, nas suggestões dos favoritos de uns e outros, no interesse de alguns, e no descontentamento de todos. Achada a causa, quiz saber e dizer de que banda estava a razão, alcançou-o, e disse-o. Por isso é severo em seus juizos, claro em sua opinião, prudente em suas observações, e sobremaneira justo. Increpa a quem com tratos dobles deu motivo á guerra; argúe a quem sem razão a-fomentou; applaude a quem por sua independencia se-defendeu; e quando se-commetteram malfeitorias de uma e outra parte, põe a razão em seu logar, censurando a quem talvez não buscou emenda, ou a quem não quiz recebel-a. » — E mais adiante. — « Examinem-se a um e um os capitulos do livro, que annunciamos; leam-se com attenção seus paragraphos; estudem-se os characteres, que pinta. . . e verá o leitor que *Mello* fôra tão bom conselheiro, como foi exacto escriptor. Conhecia a natureza do nosso paiz, nosso character fidalgo e generoso quando convém, nosso amor á liberdade, a firmeza de nossos propositos, e a nossa incontrastavel tenacidade em sustental-os. . . Não menos politico que discreto, condição inseparavel de um homem de estado, nosso auctor faz pasmar com suas maximas acertadas e a tempo, quando era quasi impossivel que o não contagiasse um ou outro bando com a febre de suas iras, e com a tenacidade de seu bem ou mal fundado convencimento. . . . Pelo que toca ao stylo e linguagem de *Mello*, basta dizer que o primeiro convém a um historiador, e a segunda é tão correcta e pura, que põe o livro no numero d'aquelles que mais podem servir para o estudo da lingua castelhana. » —

J. H. da Cunha Rivara.

A BATALHA DO CHRYSUS.

711.

(Fragmento.)

(Continuado de pag. 31.)

XIII.

Ultimo fado d'Hispanha.

910 A noite escoou-se tranquilla sobre aquella campina povoada de afflicções e dores: a aurora rompeu meiga e serena como nos dias, em que vinha trazer as alvoradas alegres ás malhadas dos pastores, que colmadas amarellejavam outrora pelas margens relvosas do Chrysus, emvez das tendas de guerra, que então alvejavam com os primeiros resplendores da madrugada. O homem debatia-se ahi nas vascas da morte, e o sol passava invólto na sua glória sem curar das angustias d'aquelles, que em seu ridiculo orgulho se-chamavam monarchas e conquistadores do mundo; sem lhe-importar se os vermes vestidos de ferro, chamados guerreiros, se-despedaçavam uns aos outros com o delirio insensato das viboras no momento dos seus amorosos ardores.

Pelas trevas um ruido sumido, mas incessante, de passadas de homens, e de tropear de cavallos soára horas inteiras em um e em outro campo. Era que em ambos elles surgíra uma idéa unica. O rei godo havia resolvido formar um corpo só das reliquias da sua hoste, e arrojar-se com elle contra a principal batalha dos inimigos para a-destruir rapidamente antes que as alas podessem soccorrel-a. O mesmo pensamento tivera Tarik. Similhante á tro-

voada do estio, que se-ennovella durante a noite em dois pólos encontrados, e ao alvorecer semêa de coriscos as solidões do céu, e povôa de estampidos discordes e subitos os ecchos da terra, assim cada um dos campos se-aglomerava em uma pinha gigante, e se-convertia n'um homem só, para em duéllo de morte resolver com o seu contendor, se os filhos das Hispanhas deviam aceitar a lei do Coran, ou continuar a abrigarem-se á sombra divina da Cruz.

Tarik lançára na frente da hoste moslemica os transfugas do inimigo. Sisebuto, Ebbas, o bispo d'Hispalis e o conde de Septum, com os seus numerosos guerreiros, constituiam a vanguarda. Seguia-se a cavallaria arabe: os berebéres cingiam este macisso de homens e ginetes, cobertos de ferro pela maior parte, e os rapidos e indisciplinados cavalleiros da Mauritania, espalhados como almogavares, deviam vaguear soltos, para fazerem entradas nas alas inimigas, e impedirem assim, que ellas podessem a tempo soccorrer o centro do exército, que o general arabe esperava desbaratar no primeiro impeto.

Ruderico pela sua parte tinha posto na vanguarda as tyuphadias victoriosas de Theodemiro, os fieis cavalleiros de Pelaio, e os guerreiros escolhidos da Lusitania e da Gallécia, que elle proprio capitaneava. Como Tarik, o rei godo collocára de um e de outro lado da hoste apinhada os frecheiros e fundibularios selvagens do Herminio e os montanhezes vasconios, antiga raça dos celtas aborígenes, irmãos em linguagem, em valor, em crueza, em armas e em costumes. Na retaguarda estavam os soldados da provincia Carthaginense, que não tinham seguido o exemplo dos transfugas por andarem derramados em outros logares, ou talvez por que não corrompidos guardavam ainda no coração vestigios de amor da patria.

Ao amanhecer cada um dos capitães inimigos viu com assombro, que a mesma traça de guerra, de que pretendêra valer-se para obter a victoria, occorrêra á mente do seu adversario. Era porém tarde para alterar a ordem da batalha. Ao mesmo tempo as trombetas godas e os anafís arabes deram o signal do combate, e o grito de Christo e ávante, confundiu-se em estampido medonho com o brado de *Allah Acbar*, o terrivel brado de guerra dos pelejadores do Islam.

O chão pareceu affundir-se com o encontro d'aquellas duas mós enormes de homens armados, e o eccho dos botes das lanças nos escudos convexos e nas armas sonoras dos cavalleiros, repercutiu nas encostas fronteiras e desvaneceu-se ao longe murmurando entre as quebradas. Desde o primeiro embate, não mais fôra possivel distinguir as duas hostes, travadas como dois luctadores furiosos. Eram um vulto só, indelineavel, monstruoso e immenso, cujo topo ondeava, como o de canaveal movido pela aragem, cujos contornos indecisos se-agitavam, torciam, alargavam, diminuiam, oscillavam como um tapete de nenuphars sobre vasto marnél revolto pelo despenhar das torrentes. Nuvens de setas sibillavam nos ares: as espadas sarracenas cruzavam-se com as espadas godas: a cateia teutonica ía zumbindo abrir fundos negros nas fileiras arabes, e os membros ossudos dos peões lusitanos e cantabros estoiravam debaixo das pancadas violentas dos mangoaes da pionagem moirisca. Muitos ginetes vagueavam sem donos; muitos cavalleiros combatiam a pé. Desgraçado do que, ferido, caía em terra; porque para elle não havia misericordia: o punhal acabava o que o frankisk ou a cimitarra começára. Dir-se-hia, que os regatos de sangue serpeando por entre as duas hostes enredadas, e salpicando as frontes e corpos, eram as veias descarnadas e rôtas d'aquelle vulto enorme, similhante a um martyr antigo, cujas carnes houvessem rasgado os dentes de ferro do algoz implacavel dos tyrannos de Roma.

. . . .

O cavalleiro negro ao cessar a batalha do dia antecedente desapparecêra do campo, sem que ninguem soubesse dizer como, ou onde se-escondêra. Só Theodemiro parecia não o-ignorar; porque ao fallarem do desconhecido e das suas espantosas e quasi incriveis façanhas, os tyuphados e quingentarios que em volta d'elle esperavam o romper da manhã e o recomeçar da peleja, o duque de Corduba buscava mudar de conversação, ou respondia carregando-se-lhe o semblante de tristeza: — « É porventura algum desgraçado, que procura o repouso na morte, e para o homem que resolveu morrer, que feito de valor será impossivel? Se elle não quer deixar na terra, nem o eccho vão de um nome glorioso, respeitae-lhe os desejos, porque profundo deve ser o abysmo da sua desventura! »

Ao som porém das trombetas que annunciavam o renovar do combate, o cavalleiro negro não tardára a apparecer onde mais accesa andava a briga. Via-se comtudo, que era principalmente nas fileiras dos arabes, onde as púas agudas e cortadoras da sua temerosa borda ou maça d'armas faziam maiores estragos. Mas quando algum dos transfugas ousava esperar-lhe os golpes, ou tentava feril-o, ouvia-se-lhe um rugido como o de maldicção, preso na garganta por cholera immensa, e seu miseravel contrário não tardava a golfar o sangue na terra da patria, que trahíra, e a entregar aos demonios a alma tisnada pela infamia da perfidia. Os arabes supersticiosos quasi criam vêr n'elle Eblis, o rei Gehenna, armado da espada precuciente, solto por Deus para os-punir das offensas commettidas contra o divino Coran. Diante d'elle recuavam os mais esforçados mosselemanos, e só de longe os frecheiros lhe-disparavam alguns tiros, que se-lhe-empenavam no escudo, ou roçando por este vinham bater-lhe na armadura, debaixo da qual manava já o sangue de algumas feridas, e os membros lassos começavam a desmentir a impetuosidade do espirito.

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

CARTA V.

Cyclos ou grandes divisões historicas. — Edade média e Renascimento. — Preferencias da edade média.

(Continuado de pag. 31.)

911 Em dois grandes cyclos me-parece dividir-se naturalmente a historia portugueza, cada um dos quaes abrange umas poucas de phases sociaes, ou épochas: o primeiro, é aquelle em que a nação se-constitue;

o segundo, o da sua rapida decadencia; o primeiro é o da edade média; o segundo o do renascimento.

Limitar-me hei n'estas cartas a fallar do primeiro cyclo porque o-julgo o mais importante, ou antes o unico importante, se considerarmos a historia como sciencia de applicação. Antes de dividir e characterisar os seus differentes periodos, seja-me licito fazer algumas reflexões geraes sobre ambos os cyclos. N'ellas estão os fundamentos da importancia exclusiva que attribuo ao primeiro.

Habituados pela educação, e até por um estudo superficial e irreflectido, a considerar o século decimo sexto, como a verdadeira era da grandeza nacional, parece-nos que o mais rico thesouro das nossas recordações historicas está na pintura dos reinados brilhantes de D. Manuel e D. João 3.°, na maravilhosa narração das façanhas dos grandes capitães d'aquelle tempo, e no spectaculo dos nossos descobrimentos e conquistas do Oriente, e da America, do engrandecimento do nosso commercio, e do respeito e temor, que por isso nos-catava o resto do mundo — a nós, nação composta de um punhado de homens, mas homens como nunca a terra víra; homens cujo braço era de ferro, cujo coração era de fogo, que achavam seu remanso nos braços das procellas, seu folgar nas batalhas de um contra cem, e que, na morte, buscavam para sudario em que se-involvessem ou as enxarcias e vellas das náus voadas e mettidas a pique, ou os pannos rotos de muros de castellos e fortalezas derrocadas; homens que sogigaram os mares e fizeram emmudecer a terra; homens, emfim, que soldaram completamente com o islamismo, e com a Asia a avultadissima divida de desar e affronta, que a Cruz e a Europa lhes-deviam desde os tempos em que as desventuras e revezes das Cruzadas se-completaram pela perda fatal de Constantinopola.

Mas, se a historia não é um passatempo vão; se, como toda a sciencia humana, deve ter uma causa final objectiva, ao contrario da arte que por si mesma é causa, meio, e fim da sua existencia; se no estudo da historia patria cada povo vae buscar a razão dos seus costumes, a sanctidade das suas instituições, os titulos dos seus direitos; se lá vae buscar o conhecimento dos progressos da civilisação nacional, as experiencias lentas e custosas, que seus avós fizeram, e com as quaes a sociedade se-educou para chegar de fragil infancia a virilidade robusta; se d'essas experiencias, e dos exemplos domesticos, desejamos tirar ensino e sabedoria para o presente e futuro; se na indole da sociedade antiga queremos ir vigorar o sentimento da nacionalidade, que, por culpa não sei se nossa se alhêa, está esmorecido e quasi apagado entre nós, não é por certo n'aquella brilhante épocha que havemos d'encontrar esses importantes resultados do estudo da historia; porque a virilidade moral da nação portugueza completou-se nos fins do seculo 15.°, e a sua velhice — a sua decadencia como corpo social — devia começar immediatamente.

Arriscadas parecerão talvez estas opiniões; mas, se não me engano, o exame dos factos nos ha-de conduzir á demonstração d'ellas.

As nações são em muitas coisas similhantes aos individuos: facil fôra instituir, não poeticamente, mas com todo o rigor philosophico, muitas analogias entre a sociedade e o homem physico. No individuo, cuja organisação é viciosa, ou incompleta, a edade viril passa rapida, e quasi sem intermissão se decae da mocidade para o pender da velhice: é esta uma verdade physiologica. Dae a qualquer sociedade uma organisação incompleta, errada, ou sequer extemporanea; torcei-lhe as tendencias do seu modo de existir primitivo; vergae os elementos sociaes, concordes com esse modo de existir, a uma formula politica em parte diversa, e ficae certos de que esse vicio de constituição não tardará em produzir seu fructo de morte. — A razão, bem como a experiencia dos seculos dá pleno testimunho d'esta verdade. Resta saber se ella é applicavel ao nosso objecto.

Nós veremos para diante, como a travez da meia edade, principalmente no seculo XV, o elemento monarchico foi gradualmente annullando os elementos aristocratico e democratico, ou, para fallar com mais propriedade, os elementos feudal e municipal, annullando-os não como existencias sociaes, mas como forças politicas. Veremos este pensamento, ou antes instincto de monarchia, revelado em um grande numero de factos, mas resumidos em quatro que me-parecem capitaes — o estabelecimento dos juizes letrados — as contribuições geraes substituidas ás contribuições de foral como systema de fazenda publica — a promulgação da lei mental, e as resoluções das côrtes de 1482, principalmente as relativas a jurisdicções. É depois d'estas côrtes que o principio monarchico se-torna unica força politica, que a unidade absoluta se-characterisa rigorosamente, e sem anniquilar as classes sociaes, as-dobra, subjuga e priva da acção publica. Servas, ellas se-corrompem rapidamente; a gangrena eiva por fim o proprio throno, e em menos de um seculo a nação portugueza desapparece debaixo das ruinas da sua nacionalidade e independencia.

¿ Mas esses homens extraordinarios, que avultam no seculo decimo-sexto? ¿ Mas esses incansaveis ceifadores de cidades e reinos, que assombraram o mundo? ¿ Mas a actividade incrivel d'aquella épocha? ¿ Mas o poderio, a opulencia, a gloria de D. Manuel e de D. João III? ¿ Não era a unidade absoluta da monarchia a creadora de tantas maravilhas? ¿ Não pertenciam os portuguezes d'então a essas classes, que degeneravam e se-corrompiam por falta de vida politica? ¿ Não era com as instituições primitivas annulladas e mortas que se-obravam tantos milagres de valor, de virtude, e de patriotismo?

Estas perguntas, que examinadas superficialmente parecem destruir a these que estabeleci, occorrem naturalmente; e todavia pouca reflexão basta para vermos, que não tem grande valor, emquanto subsequentes averiguações nol-as não demonstram de nenhum momento. Se quizermos attender á data, em que os primeiros symptomas palpaveis, e definidos da decadencia do nosso podêr e glória começam a apparecer claramente, ver-nos-hemos forçados a confessar um facto, que de algum modo responde a todas essas perguntas. — A geração, a quem verdadeiramente pertence tanta glória, foi educada pelo seculo anterior. Os grandes homens do reinado de D. Manuel, tinham conhecido o nosso ultimo rei cavalleiro; tinham sido educados na épocha da robustez

moral da nação. O seculo decimo-sexto nada mais fez que aproveitar a herança da edade média.

As phases da vida dos povos são incomparavelmente mais lentas que as da vida humana: n'esta, á edade viril segue-se a edade grave, á edade grave a velhice, á velhice a decrepidez, á decrepidez a morte; e essas mudanças demandam ás vezes meio seculo. Foi o que bastou ás glórias de Portugal para descerem do apogêu ao occaso. ¿Para ellas chegarem á sepultura em 1580, não devia ter a nação declinado, ao menos moralmente, desde D. Manuel?

A. Herculano.
(Continuar-se-ha.)

THEATRO.

Rua-dos-Condes.

A ARTE — OS ARTISTAS — A OPERA CÓMICA — FRA-DIAVOLO — O SR. IBARRA — AS PROEZAS DE RICHELIEU.

912 Quando, alguma vez, no fundo retiro do nosso cantinho humilde, nos-succede assentar o pensamento na consideração d'essa formosa e sancta imagem, chamada arte, que parecia fadada por Deus a dominar, como legitima soberana, na mais pura e estreme porção da sociedade, não podêmos explicar que apêrto de coração nos-toma, vendo-a tão mal trajada, tão pobre, e despresivel, como a triste ahi se-vai arrastando entre nós — e, para sermos justos, tambem entre os estranhos! — Soberana, lhe-chamámos e com razão, que a ninguem melhor compete o sceptro e corôa; dominio e throno. ¿Mas essa soberana infeliz aonde está? — Eil-a sacrificada nos breados altares da infima immoralidade; — eil-a victima de revoluções atrozes. Usurparam-lhe o natural senhorío; e assentaram no logar que era seu um vulto immundo e torpe, que brutas multidões saudaram como seu rei — rei d'ellas, que teem rosto para encaral-o! Desterraram-na da patria, e procurando no lodo da corrupção, foram buscar algumas estrangeirices abjectas e pustulentas para as-vestirem com a purpura roubada, e as-collocarem no solio, tornado balcão — não ficaram ainda contentes — não se-satisfizeram em desthronisal-a, roubal-a, e expulsal-a de sua casa. Requintando as cruezas travaram da rainha-mendiga, arrastaram-na pelos cabellos ao logar do supplicio e deram-na infamada e eternamente polluida em feroz spectaculo a olhos ávidos de torpezas!

Não bastava terem-na deixado em soledade no mundo, matando-lhe sua irmã, sua amiga, a socia, a inseparavel, a protectora — aquella boa e fiel companheira, tão acertada aconselhadora, e auxiliar tão valente — a moral, que na imprensa está a ponto de dar o ultimo arranco. — Não bastava já haverem-na reduzido a ir por ahi, de porta em porta, pedir uma esmóla vil, apontando para a sua feia nudez, ou a fazer por infamissimo preço um hediondo mercado de ignobil lascivia para o populacho. — Não bastava, dizemos, terem-lhe barrado as faces com o estanhado cynismo da extrema devassidão, obrigando-a a messalinicos requebros e a tão sóltas fallas, que fazem córar o mais despresado sybaritismo. Não bastava tudo isto, e muito mais; era preciso para fartar a sanha dos seus carrascos, trazerem-na amarrada de pés e mãos, e assentarem-na nos algozes degráus de um pelourinho, chamado *theatro normal* — e crucificarem-na n'um calvario por alcunha *tablado*.

Se ao menos ahi fosse o Gólgotha das expiações, aonde a triste remisse a tantos seus peccadores!... Não é: é um alcouce immundissimo, (para o qual se-entra pela porta da prostituição) com um lanço de parede derrubado.... o que dá para o público! é o cêpo aonde o sujo cutello da abjecção e da infamia degolla a honestidade! é o tabernaculo da sensualidade, aonde o rubro pudôr é forçado a esconder o rosto nas dobras do seu candido involtorio, aonde o anjo da innocencia não póde entrar senão vendado! é tudo em tudo o que é máu!

Pobre arte, tão grande de si, tão elevada, tão senhora, e tão bem nascida! — ou antes pobres d'esses, que assim te-enxovalham e te-despresam, nobilissima soberana, rainha por condicção, rainha por mandato supremo, rainha em despeito de quantos rojando na poeira da imbecilidade a ti buscam atrever-se com o pensamento anão, porque tu, ó arte, serás sempre quem és. Emquanto elles cantarolando meia duzia de coplas sem tino, sobre quatro taboas carunchosas, se-folgarem, na sua demencia, crendo-te já morta, rirás tu d'elles na esphéra superior, em que verdadeiramente imperas, e aonde acharás para te-formarem a tua côrte todas as intelligencias poderosas, que te-sabem avaliar!

Já não ponderaremos o modo porque ahi tentam desfigurar a arte e desvial-a da sua missão altissima. — Não a-examinaremos lançada ás garras da ópera-cómica, especie de monstro grunhidor, que a-busca entallar e esmagar entre uma aria do sr. Ibarra, e um duetto das sr.[as] Canalis. Consideral-a-hemos unicamente em relação a si mesma e aos artistas.

José da Silva Mendes Leal Junior.
(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

913 A INGLATERRA, a opulentissima pobre, não dorme somnos descançados: o seu Genio Familiar com alma de vapor e cem milhões de braços de ferro, o seu anjo ou demonio, depois de a-ter desgraçado nas pessoas de seus filhos, que se-morrem de fome e frio aos pés de montes de oiro, a industria emfim já não promette segurar-lhe nas mãos o sceptro commercial. A liga das alfandegas allemães ameaça fechar-lhe o mercado da *Europa*. Se ao fugir-lhe o mundo velho, o mundo novo lhe não acode, as propheticas lamentações dos Jeremias estadistas pouco tardará que se não realisem sob o céu nevoento de Albion; bem o presente ella; e descida de orgulhos já começa a acariciar a sua rival americana; hoje cura de se-lhe-offerecer por consumidora do seu pão — amanhã convencel-a-ha a receber-lhe os productos de suas fabricas. Mas a Providencia que é só quem faz e desfaz os estados cançou de trazer emprestada na terra a sua omnipotencia.

As calamidades inglezas succedem-se com rapidez; a cidade de *Liverpool* acaba de padecer por um espantoso incendio a perda de cinco milhões de crusados.

No LEVANTE já emfim se-rompeu guerra em Persas e Turcos. Pelos recontros, que tem havido, não é ainda possivel futurarmos resultados.

Na HISPANHA estão convocadas as côrtes para o dia 14 de novembro.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

914 *Diario do Governo de 6 de octubro.* — Portaria providenciando para o effectivo cumprimento do decreto do recrutamento. — Outra em que se-dá conta dos diversos empregos que tem vagado no arsenal de marinha. — Officio do Thesouro aos differentes ministerios para que lhe-remettam os seus orçamentos.

Idem de 7. — Portaria mandando processar um escrivão por extorquir salarios de mais. — Manda-se formar uma commissão para a organisação das alfandegas ultramarinas. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Braga*, *Porto*, *Bragança*, *Vizeu.*

Idem de 8. — Decreto para que se elejam eleitores de provincia em algumas freguezias. — Outro para que os collegios eleitoraes se reunam a 20 de novembro para elegerem vinte deputados. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Vizeu*, *Porto*, *Villa-Real*, *Vianna*, *e Lisboa.*

Idem de 10. — Decreto suprimindo varios corpos de segurança publica. — Outro prorogando o praso marcado pelos decretos de 13 de agosto de 1841 e 27 de agosto do presente anno. — Outro nomeando os individuos que hão-de occupar empregos nas alfandegas menores.

Idem de 11. — Ordem da armada n.° 97.

Idem de 12. — Ordem do exercito n.° 46. — Decreto nomeando uma commissão para que organise as leis necessarias para se regular a magistratura.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA.

915 Tivemos a honra de ser convidados á sessão solemne, com que a Associação dos Advogados inaugurou, no dia 5 do corrente, o anno quinto de seus trabalhos. A sala, onde se haviam feito notaveis melhoramentos, armada de sedas, alastrada de tapetes, e esplendidamente illuminada, correspondia ao lusído do numeroso auditorio.

Presidia o Sr. Manuel Felix d'Oliveira Pinheiro, Decano dos nossos advogados; que abriu com uma allocução, modesta e urbana como elle, o nobre acto. O Segundo Secretario, o Sr. Augusto Cezar Barbosa, deu conta do a que pela rasão do seu officio era obrigado, accompanhando essa relação com um discurso accommodado ao lanço. O Primeiro Secretario, o Sr. Silva Abranches, leu uma elegante exposição dos trabalhos juridicos do anno findo.

Seguíu-se o Sr. Antonio Gil com uma oração de abertura, em que, com o seu modo original, e chistoso stylo, pertendeu ventilar a questão, se-havia na ordem judicial jerarchia, como suppõe a novissima reforma; rematando, depois de ponderar algumas fortes objecções, com este texto horaciano, que para epigraphe tomára;

> .... et quae
> Desperat tractata nitescere posse relinquit.

O Sr. Abel Maria Jordão de Paiva Manso derramou sobre o sepulchro do seu amigo e consocio, o Sr. Emygdio da Costa, ricas flores d'eloquencia, e lagrimas, ainda mais ricas! Finalmente o Sr. João de Sousa dos Santos Ferreira dissertou, com muita erudição e copia, ácerca da polygamía, como ponto de physiologia, de philosophia social e de jurisprudencia.

Saímos, desejando largos dias de duração a uma Sociedade, cujo timbre é a *Lei*; e que, para defensão d'ella, tem reunido no seu gremio quasi tudo quanto ahi ha de mais illustre no fôro patrio.

PROPRIEDADE LITTERARIA.

916 Como tinhamos prenunciado, a Sociedade Escholastico-Philomatico acha-se já hoje empenhada n'esta discussão, applicada principalmente ao nosso reino.

Cinco largas sessões hão já corrido pelo assumpto, animadas de grande número de ouvintes de distincção e não poucos oradores se-teem assignalado na contenda. Uma proposta, em nosso intender muito proficua, e energicamente sustentada por seu auctor, foi: 1.° Que, usando do direito constitucional de petição, a Sociedade requeresse das Côrtes lei, que defendendo o direito dos escriptores, acudisse pelo interesse das lettras que andam presentemente ao desbarato. 2.° Que os membros da Sociedade empenhados n'esta justissima causa, repetissem pela imprensa periodica, a fôrça das suas demonstrações, apressando tambem por este modo a feitura e promulgação da lei.

VIOLAÇÃO ACINTOSA DA PROPRIEDADE LITTERARIA.

917 Todos os *Jornaes de Lisboa* que ainda n'esta semana tomaram, e alguns copiosamente, da *Revista Universal Lisbonense*, conformando-se com o requerido em o nosso numero passado declararam, cujo era cada um dos artigos que trasladavam; — só o *Nacional* tirando-nos QUATORZE artigos—unicamente declara pertencerem-nos QUATRO.—Leva-nos cinco columnas, deixando intender que das cinco, fructo do nosso trabalho mais das tres foram obra dos seus collaboradores; — o que tanto assim é que a *Revolução de Septembro* tirando do *Nacional* dois artigos da *Revista* o 870 — *Invenção de pontes sem pilares nem arcos* — e o 849 — *Minas de ouro?* — enganada como todos os leitores, não cita a *Revista* mas o *Nacional.* — Pedimos novamente a todos os SRS. REDACTORES recommendem aos seus typógraphos e revedores de provas todo o cuidado, toda a fidelidade, toda a honra, n'um ponto, que para todos é importante; porque se o roubado perde o fructo litterario, e talvez tambem o fructo pecuniario do seu trabalho e despezas, o roubador perde parte do seu crédito litterario, e do seu crédito moral uma parte ainda muito maior. — Que as gralhas tomassem as pennas dos pavões, intendia-se — mas que os não necessitados andem primeiro pelas ruas mendigando, e depois latrocinando, não se-intende; e se se-intende em nenhum jury de homens honestos se-absolve. — Temos fé em que o *Nacional* dará na sua officina as providencias para por sua parte se-acabar com este abuso desmoralisador e intoleravel, e não continuará a desfalcar d'esta arte uma folha, que nem a minima tomadia lhe-tem ainda feito.

OU ROSALGAR OU CASAMENTO.

918 Um castelhanito, caixeiro n'uma respeitavel casa de commercio d'esta cidade, andava perdido de amores por certa menina, de quem era cor-

respondido. A fortuna, que tracta muitas vezes aos amantes, como sempre tracta aos poetas, punha sérios impedimentos ao consorcio de ambas as partes suspirado: e augmentava o amor pelas difficuldades. Emquanto a pobre namorada no canto do seu quarto, sósinha, banhava todo o dia a costura das suas mãos com as lagrimas dos seus olhos — *el enamorado*, em pé diante do contador do seu escriptorio, misturava na correspondencia mercantil, de que era encarregado, as mais distraídas finezas e requebros; e matisava as facturas dos arrozes e chitas com protestos de ternura, que iriam talvez sensibilisar as entranhas seccas dos mais encanecidos tendeiros de *Traz-os-Montes* ou do *Algarve*. Era um verdadeiro supplicio de *Tântalo!* viver affogado em fazendas! não lêr, não registar senão transacções *de milhares de duros! de contos de réis!* e em si não sentir senão affectos, e uma formosa imagem no coração! e nas algibeiras algumas duzias de escriptos, ricos de paixão, mas pelos quaes qualquer rebatedor não daria mais, postoque tambem não daria menos, do que pelos mais respeitaveis titulos de classes inactivas!

Aconselhado da desesperação concebe a heroica resolução de se-matar. Sabedora d'este projecto a sua amante (não é para mulheres o ficar-se atraz em pontos de amor) quer — que assim como a sympathia reuniu as suas almas, o mesmo copo, a mesma hora, e se podér ser a mesma sepultura, reuna os seus corpos para sempre; — não era bem um matrimonio ecclesiastico, mas pelo menos sempre era um consorcio romantico, um sacramento instituido pelo *Diabo nas suas Memórias*, que são o evangelho hoje em dia mais folheado. ¿Como porém obter o veneno? — Os ratos do armazem se-apresentam como pretexto mui plausivel; um medico, patricio do mancebo, e que nas horas vagas da clynica se-entretem vendendo quina e chocolate, enganado pelo seu amigo, e na melhor fé possivel, lavra a receita, por onde dentro em pouco uma farta dóse de arsênico, para dois, já se-achava a dissolver em agua n'uma garrafa. Suspeitando por antecedencias algum sinistro projecto, os companheiros do infeliz, seguem-no, vigiam-no, espreitam-no, por toda a parte e a todos os momentos; furioso com estes novos empachos, e esquecendo-se em sua allucinação do ajuste feito e jurado com a sua dama; a bebida para dois elle só a-esgota n'um relance, e de um único trago, até ás fézes: chamam-se e acodem medicos; applicam-se antídotos; salva-se a victima a seu máu grado.

Convencido pela experiencia de que o seu fado o não destina a acabar, como os ratos; recorre a segundo e mais efficaz remedio. Na terça-feira, 4 do corrente, desappareceu com a sua namorada. — O suicidio presumíra em vão levar as lampas ao casamento; o casamento, segundo todos presumem, veio a final triumphar do suicidio.

Os versados em novellas, em dramas, ou sómente em sonetos, sabem a que pouco se-limitam as ambições da gente moça enamorada — um valle, uma gruta, uma ilha deserta, são o bello ideal das suas sonhadas felicidades: — falta saber onde jaz a ilha deserta, que os nossos viajantes escolheram para refugio e vivenda dos seus amores.

A CALUMNIA.

919 A 6 do corrente se-representou na Rua-dos-Condes a excellente comedia de *Scribe*, intitulada a *Calumnia*. — Os actores, em geral, compreenderam-na, e fizeram-na compreender. — É o mais philosophico, o mais efficaz sermão contra este vicio, esta hydrophobía epidémica do nosso seculo, esta filha bastarda da liberdade. — Não conhecemos emprezarios, nem directores; não lhes-queremos mal, nem bem; são para nós, como se não existissem; por isso, com a mesma força, com que bradámos, não *aqui d'elrei;* mas *aqui da honra, aqui da vergonha, aqui do juizo* contra o *Richelieu* por infame, e contra as paródias de ópera lirica por muito ridiculas, e, muitas vezes, ridiculas e infames ao mesmo tempo, com a mesma força, com a mesma consciencia pedimos hoje a todos — que vão aos *Condes* todas as noites que ahi se-dér a Calumnia. — Não se-póde receber licção mais convincente sobre um ponto capital, e junctamente divertimento mais alegre. — Estes sim, que são elogios insuspeitos, e não escriptos para um jornal pela propria penna, ainda molhada de fazer os cartazes para as esquinas.

VINDIMADORES VINDIMADOS.

(Carta.)

920 No dia 30 de septembro proximo findo, andando na vindima Luiz Paulo Cacella, d'esta villa e toda a sua familia, mandou a casa seu creado José Miguel, buscar um jumento para certo transporte; o bom do creado, aproveitando o ensêjo, péga de uma foice, abre com ella uma porta que da cavalharice diz para a habitação; vai-se a um bahú, onde sabia que seus amos guardavam o producto de suas economias; e arrombando-o, limpa quanto acha em dinheiro, que eram quarenta e cinco péças de 7,500 réis, e 2400 réis em cobre; com esta quantia se-evadiu logo, diz-se que em direitura a Lisboa, sua terra, por haver quem o-encontrasse no caminho; e accrescentam mais que é filho de um catraheiro d'Alcantara, morador ás Janellas-Verdes, na rua do Olival, n.° 21.

Sirvam estes exemplos aos incautos, que admittem em suas casas pessoas sem as necessarias abonações, e de quem não teem conhecimento algum.

Peniche 4 de Octubro de 1842.

Pedro Cervantes de Carvalho Figueira.

UMA ESTRADA IMPORTANTE QUE ESTÁ GRITANDO POR SOCCORRO.

(Resumo de uma Carta.)

921 Ha n'este Concelho de Villa Nova de Ourém, por onde confina com o de Torres Novas, uma estrada, de quasi légua, que passa pelo sitio chamado o Furadouro, a qual é muito frequentada dos carros e bestas que d'este e dos concelhos limitrophes continuadamente affluem ao porto da Barquinha e ao mercado da villa de Torres Novas: foi esta em 1820, ou 23 calçada por ordem do governo, e sob a direcção de ingenheiros; o que á Nação custou, segundo é fama, doze, ou mais contos de réis: assim de escabrosa se-converteu em muito regular e de commodo trânsito; estado em que por muitos annos se-conservou. De alguns porém a esta parte, começou de reconhecer-se a necessidade

de reparar n'ella estragos causados do tempo e dos muitos carros que a-frequentam com suas rodas cravejadas de prégos em fórma de cogumellos. Não se lhe-acudiu a tempo, cresceu a necessidade, e com ella as difficuldades, a ponto de se ter hoje o reparo por tão custoso, como indispensavel: e não tardará que venha a ser paragem intransitavel com grave damno dos póvos e grande vergonha de se haverem deixado tão bem empregadas despezas esperdiçar.

O desvélo das camaras d'este [illegible]o, e dos de Torres Novas e Barquinha, que todos tres quasi egualmente lucram com a conservação d'esta estrada, muito poderia ainda influir para acudir com prompto soccorro a esta obra, que todos os-dias se vai detriorando; e por muito felizes nos-dariamos nós, se com este nosso memorial excitassemos o zêlo de todas tres, ou de algumas d'ellas, para por si, ou de mão commum, e sollicitando ajuda do governo, metter hombros á empreza. Bem reconheceu a utilidade e urgencia d'esta obra o sr. *Francisco Luiz de Gouvêa Pimenta*, quando presidente da camara de Torres Novas, o qual não só convenceu os seus collegas na vereação; mas chegou até a convidar as camaras d'Ourém e Barquinha para que o-coadjuvassem, tomando elle a si a direcção da obra: os seus bons desejos porém não vingaram, por culpa de quem, não diremos nós. Perdida esta estrada, arruinado ficará de todo o porto da Barquinha; e este termo e o de Leiria tambem padecerão grande quebra no seu negocio de madeiras, sem esta serventia para o porto da Barquinha, que é o mais á mão.

Ourém 30 de Septembro. *N. J.*

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DO MEZ DE SEPTEMBRO DE 1842.

922 Temperatura media das madrugadas 61°,5 Fah (13.° R) — d.ª nas horas de mais calor 79, (21) — d.ª media do mez 70°,2 (17) — Variação media da temperatura diurna 17°,5 (8) — Maior variação de calor diurno, aconteceu no 1.° do mez, e foi de 29° (13°) — Maior frio teve logar a 23, descendo o term.° a 52° (9) — Maior calor observado a 3 do mez, 95° (28) — A menor altura do barometro teve logar a 25 e foi de 749,6 millimetros — Maior altura no dia 10, foi de 761,8 millimetros — Media 757,2.

Ventos dominantes contados em meios dias N,12 — NO,16 — O,2 — SO,12 — NE,13 — V,1 — B,4. — *Estado da atmosphéra.* Dias claros 15. — Claros e nuvens 4. — Cobertos 4. — Cobertos com alguns clarões 2. — Chuva ou chuviscos 5. — Nevoeiros parciaes 2. — Dias muito calmosos 8. — Calmosos 3. — Ventosos 13. — A tenue chuva recolhida em todo o mez subiu a 8 millimetros, ou 28 canadas por braça quadrada, o que apenas avultou a uma quinta parte da chuva que regularmente se deve esperar n'este mez. — As *quadras dominantes* foram seis: a 1.ª de cinco dias de calores ardentissimos que fizeram subir o thermometro a 95°, prolongando-se a calma pelas tardes e noites, com vento muito quente do NE, e o ar extremamente secco: a 2.ª de dois dias menos calmosos, céu coberto, e ventos brandos: a 3.ª de cinco dias com as madrugadas e noites frescas, céu claro e ventos rijos do N, e NO: a 4.ª de tres dias de temperatura muito quente, céu claro, e ar muito secco, com ventos do NE: a 5.ª de seis dias frescos nas madrugadas e noites, céu variavel com alguns tenues chuviscos, ar secco, e ventos variaveis de NO a SO: a 6.ª de dois dias muito frescos, céu variavel, ar secco, e ventos do N a NO: a 7.ª e ultima de septe dias tepidos, humidos, e com brandas chuvas e ventos mareiros. — Segue-se pois que o mez decorreu muito quente no seu principio, muito secco, e ventoso.

Phenomenos notaveis. A grande secca que essencialmente characterisou a primavera e verão de 1842, n'este reino, parece ter sido geral na maior parte do continente europeu e africano. Notou-se que o rio Nilo, no Egypto, nunca se mostrou tão escaço de aguas, pelo que se receava perdida a colheita do milho, e mui diminuta a dos outros cereaes. Na Belgica e Flandres se-experimentava a mesma falta de agua, a ponto que os habitantes da cidade de Ardemburgo se viram obrigados a ir procural-a a duas léguas de distancia; e em Bruxellas apenas havia no canal, a necessaria para trabalhar a machina hydraulica, achando-se empachada a navegação para as embarcações. — Os calores intensos e repetidos, que se manifestaram desde os principios de Junho estenderam a sua influencia até ás geladas regiões polares, pois que nos dias 24 e 25 de julho foram encontradas entre 41 e 43° de latitude, e 48 e 53 de longitude occidental do meridiano de Londres (o que corresponde ás extremidades meridionaes do banco da Terra-nova) oito montanhas de gelo de grande baze, e de 100 a 180 pés de altura, que sem duvida se-tinham despegado dos gelos eternos do pólo. Estas terriveis massas fluctuantes continuavam a ser mui perigosas para os navios, que navegam entre a Europa e America.

Convém observar que nos 6 mezes de abril a septembro, que são a primavera e verão do nosso clima, apparecem em um anno regular 33 dias chuvosos, que dão 152 millimetros de agua, ou 45 almudes por braça quadrada: ora n'aquelles seis mezes do corrente anno só houve 22 dias chuvosos, que apenas produziram 96 millimetros de agua, ou pouco mais de metade de um anno regular, acrescendo aos inconvenientes d'esta escacez, o demasiado numero de dias calmosos, acompanhados de grande seccura no ar; pois que apparecendo regularmente n'aquellas duas estações, 49 dias de calor notavel, este anno se contaram 67. Segue-se pois que a primavera e verão do corrente anno foram muito seccos e calmosos; porém apezar d'esta contrariedade não foram tão escaças como se receava as principaes producções agricolas do sólo portuguez, ainda que são inferiores em quantidade ás de um anno regular.

Necrologia de Lisboa e Belem no mez de septembro. Os cadaveres recebidos nos tres cemiterios, subiram a 525, sendo maiores 312, e menores 213, dos quaes pertenceram ao sexo masculino 291, e ao feminino 234, do que se-deduz que tambem este mez veio confirmar as influencias por nós apontadas na memoria, que se publicou n'este Jornal.

Com effeito segundo a lei estabelecida, competiam a este mez 573 óbitos, do que se deduz que foi menos mortifero do que regularmente acontece; advertindo que nos primeiros oito dias, emquanto

predominavam os grandes calores da primeira quadra do mez, a mortalidade diaria foi assás avultada, e egual á do antecedente mortifero mez de Agosto. Não obstante esta circumstancia a totalidade dos óbitos acontecidos em septembro foi menor de 100 individuos que a do mez antecedente.

M. M. Franzini.

REFLEXÕES DE GRACCO Á TULLIA.

923 E' este o titulo de um opusculo, mui recente, que por acaso nos-veio á mão, impresso, segundo no frontispicio se lê, em *Tunes — typographia de Amurat de Beg, rua de Algazi, anno da Egira* 1244 — 55 paginas de oitavo.

A imprensa periodico-litteraria é de certo modo o haver do pêso, onde os mantimentos intellectuaes e moraes devem ser examinados e taxados. Postoque as suas balanças, como todas, sejam falliveis, e as suas decisões não obrigatorias, por ellas todavia se-governa um grande numero de pessoas, a quem fallece ou tempo, ou vontade, ou conhecimento, para por si mesmas examinarem taes mercadorias. E' logo claro que o abusar do officio, pesando com pêsos falsos um livro novo, e almotaçando-o por odios ou amisades, fica sendo um crime, de difficultosa ou nulla remissão. Não o-queremos nós commetter, e não o-commetteremos, se a Deus prouver, em nenhum caso.

As Reflexões de *Gracco* devem ser diversamente julgadas em diversas relações; — como litteratura, como politica, e emfim como moral. — Como litteratura, é oiro que saíu da mina; misturado de fézes, mas oiro: — como politica, é escória de mina velha e já desamparada; contém particulas de oiro, mas é escória: — como moral, é virtude sublimada a gráu de veneno: — é o genio do bem delirando com a febre que o-consome. O auctor deve ser necessariamente um mancebo: possue todas as vantagens e desvantagens d'essa edade; traz os affectos no cérebro, o juizo no coração; talha o futuro pela philosophia, e não pela historia; e lê a historia atravéz do prisma ideal do pessimismo: — a sua imaginação é uma *Circe*, que metamorphoseia, sem o cuidar, a quanto se-lhe-apresenta; a uns em pigmeus, a outros em gigantes, a outros em féras, a outros em pedras, a outros em semideuses; e logo depois, horrorisada da confusão e monstruosidade do que ella propria, e só ella, produziu, ou encareceu, a si mesma se-transforma de feiticeira transformadora em furia vingadora e destruidora.

As utopias republicanas, que em *França* morreram affogadas em sangue, ressuscitam n'estas paginas com a mesma fé, com o mesmo ardor, com as mesmas esperanças, que outrora em dias inexpertos, as-aviventavam. « Accendemos « este pharol, — diz o auctor, — para esclarecer, para advertir « os navegantes dos desabrigos das costas: não se-arreceiem « dos estragos, que o delirio poderá produzir na ordem so- « cial, o raio trovejando em o meio das desordens do ele- « mento restabelece o equilibrio; as queimadas fertilizam a « terra; corta-se a parte gangrenada do corpo animal para « salvar a vida; nas tempestades alija-se ao mar a carga « do navio. » Esta convicção intima da necessidade de desmantelar a ordem social para a-recompôr, assume indispensavelmente o tom, o stylo, as fórmas todas revolucionarias

¿ A mão, que rasga e queima as constituições dos povos, poderia demorar-se a folhear os tractados dos rhétoricos? ¿ Quem diz aos thronos, anniquilai-vos, — dirá aos trópos e figuras, eu vos-respeito? ¿ quem tende ás coisas maximas, demorar-se-ha a colher pelo caminho as florinhas do dizer? Não, a eloquencia tribunicia desde os *comicios da lei agraria* até aos *comités de salut publique*, foi sempre energica, mas desordenada; sublime, porém desegual; rica, esplendida nas armas; mas nos trajos... purpura, e roturas, recamos de oiro, e nodoas de lodo. A eloquencia d'esta obra, e a de todas as d'este genero, assemelha-se ao impeto do tufão; revolve as ondas; assoberba as náus; aqui arrebanha nuvens, logo adiante rasga-as; estremece palacios, apaga fachos, derrama incendios; sae de revolver as galas de um jardim, para se-ir engolfar pelos beccos immundos e escuros de um bairro despresivel; por tudo passa, com tudo contende, de tudo toma, de tudo leva; não escolhe, não torce, não declina; a linha mais curta é o seu rumo, a velocidade a sua lei; o seu destino derrubar e egualar.

¿ Mas deveremos inferir de serem taes as idéas e linguagem de um escripto, que a alma, que de si o-arrojou, como as entranhas de um monte despedem um volcão, seja negra, malevola, sanguinaria? intendemos que não. N'esta parte, alguns de nossos escriptores periodicos, teem-se mostrado tão injustos contra o *Gracco* moderno, como elle mesmo contra os poderosos e principes o havia sido: tomando á lettra todas as suas amplificações, traduzindo em intenção de factos o que n'elle eram apenas translacções atrevidas das idéas; concluiram, temerariamente, que o auctor era um verdugo por vocação, um bebedor de sangue, um vampyro, um demonio; nós, conjecturamos pelo contrario, que esta força no dizer, chegada a hora do executar, — se por desgraça ella podesse chegar, — se-desfaria toda em misericordia. Tambem *Camillo Desmoulins* se-havia intitulado o *Procureur général de la lanterne;* havia escripto as *Révolutions de France et du Brabant* e o *Vieux cordelier:* obras todas delirantes e freneticas: e chegado o prazo da realisação de suas ensanguentadas theorias, quando no covil dos *Jacobinos* só se-pediam, e se-aprovavam *junctas* para decepar cabeças, levanta-se irado e sublime, em frente de *Robespierre* e requer — que após tantas *junctas* de ferocidade se-crie tambem uma *juncta* de clemencia. — Esta humanidade pratica refutando as suas precedentes crueldades especulativas, foi, todos o-sabem, a sua perdição. Não, a mão que mais cança a penna a escrever morte e supplicios, não é pelo commum a que na hora do tumulto se-arma do cutello ou do punhal. *Robespierre* era taciturno; e nenhum grande assassino foi nunca roncador de grandes bravatas.

« Não formes máu conceito de nós, Tullia, — diz o au- « ctor na pagina 53, — nem por o odio que professamos aos « tyranos, tires corollario da nossa maldade: sabe, mulher, « que a nossa mão nunca recusou seu apoio ao infeliz; a « nossa bolça ainda não se-fechou ao necessitado; os nossos « olhos ainda não ficaram enxutos em vista do desventura- « do: a nossa consciencia não nos-accuza uma unica cruel- « dade; não nodôa a nossa vida, desapercebida como é ella, « uma unica baixesa: desvios turbulentos de uma mocidade « frenética, e sem Mentor, lançaram sobre nós, indevidos « preconceitos, imméritos prejuizos: a sós no mundo, sem « um amigo que guiasse nossos passos, sem uma unica mão « para apertar cordealmente a nossa, sem um unico coração « que sentisse as pulsações fortes do nosso; desvairados cor- « remos sôffregos as aventuras da terra; e na flôr dos annos, « quando a vida começa apenas a desabrochar, nos-achámos « qual pelicano, que falto de alimentos exteriores, se-nutre « da sua propria substancia. »

Quem isto escreve não é um sicario, é um homem gravemente atacado do melancholico amor da humanidade, que tambem, quando excessivo, póde ser molestia perigosa, porque a misantropia e a philantropia nos seus extremos se-tocam e se-confundem. Prasa a Deus que elle chegue a comprehender esta verdade, e a possuir-se do que elle mesmo escreve a pag. 16 — « se o povo se desenfrear qual será a « mão possante, e forte, qual o prestigio, que encadêe o « tufão? quem se-atreverá a dizer — eu escaparei — ?

Oxalá que a gentil *sobrinha* do *Derviche*, apressando-se em trocar o *Alcorão* pelo *Evangelho*, e a *liberdade* pelo titulo de *espôsa*, e mui cedo pelo de *mãe*, dê ao pobre *Gracco*, reputado hoje perverso, só porque é infeliz, o quinhão que elle debalde procura nas alegrias d'este mundo. Entre filhos, e juncto de uma espôsa, quando os impressores de *Amurat de Beg* lhe-forem bater á porta a pedir-lhe novos capitulos de imprecações, elle não encontrará em toda a sua alma, senão canticos de felicidade; e a torrente do seu genio, até hoje assoladora, se-verá deslisar clara e serena, retratando o céu, namorando e fertilisando as terras, por onde passar.

BIBLIOGRAPHIA.

FRANCEZA.

924 Etudes Politiques, par *Emile Girardin.*
Cours de philosophie positive, par *Auguste Comte.*
Plaintes du coeur, par *Fabius Leblanc.*